

EU, ENFERMEIRA... EU, PACIENTE

Marília Lopes Serpa*

E já se passaram 7 anos... e só agora tive vontade, ou coragem não sei, de contar algumas coisas, pequenos fatos os quais me lembro ter vivido naquela experiência que tive como doente, como paciente.

E de repente, eu, enfermeira, mãe e esposa, cheia de vontade de crescer, cheia de planos, cheia de responsabilidades, com alguma experiência profissional em hospital e uma boa bagagem de conhecimentos adquiridos como professora, me vi acordar após um tempo que não sei precisar, num leito de UTI... Um lado plégico, o outro sem forças, quase sem conseguir me expressar apesar de pensar, raciocinar e querer, querer saber, perguntar e acima de tudo, não obter respostas, pois tinha muito medo delas.

Tudo começou com aquela incrível dor de cabeça que aumentou, aumentou e eu pensei que ia explodir... e de repente, tudo ruim... pré-coma... coma... e era um AVC, completo.

Ambulância, viagem (eu morava no interior e precisava vir para Porto Alegre), sustos, medo..., por tudo isto passou meu marido. Eu, inconsciente, de vez em quando falava algo. Nosso lado robô? E então chegamos à capital. Hospital e direto UTI... Morte sondando, mau prognóstico, organismo enfraquecido, poucas esperanças, lágrimas, tristezas, desespero. E eu, inconsciente, estava protegida de todo este sofrimento.

Passaram-se três dias: cada minuto, hora e dia vivido, isoladamente, sem esperanças, sem arredar o pé do hospital, todos rondando a UTI, rezando, pedindo, sofrendo. E eu, inconsciente, simplesmente dormindo...

Então acordei. E perguntei o que houve, o que aconteceu? Não me lembro muita coisa... Tudo é muito nebuloso...

– Quero um espelho? E ouvia: “não dá”... não tem” e levei muito tempo para entender que estava com o rosto muito deformado... talvez tivesse me assustado.

Um braço plégico, o outro com soro, uma perna plégica, a outra com uma astenia muito importante. E então, aquele iogurte, aquele pãozinho, aquela bolacha ficavam ali ao meu lado até que alguém... quase sempre um

* Professora Assistente do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da UFRGS.

familiar chegasse e me desse de comer. E eu tão ativa, tão independente, tão dona do meu nariz, ali estava tão dependente de todos. E aquela dor no corpo, uma vontade de me mexer, me virar, sacudir, e nada, só a vontade. Ai eu chamava, gritava pois não podia buscar a campainha. E vinham e me viravam, e safam, e após dois minutos, os quais me pareciam horas, lá estava aquela dor de novo. Ah, como seria bom me virar sozinha. E eu esperava... e chamava... e ouvia: – “De novo aquela chata!” A chata era eu..., mas dóia tanto, tudo, que eu até esquecia que era “a chata”.

Então veio uma novidade: – Vais começar a fazer fisioterapia! Adorei. Ia mudar o meu dia, tão longo, tão vazio, tão sozinha. Ai que saudade do meu filho... ele só tem um aninho. Ai que vontade de vê-lo. “Precisas melhorar”, ouvia eu, “criança não pode vir na UTI. E eu me esforçava cada vez mais, e suave e gemia... e então... um dia meu dedo do pé se mexeu, tão pouquinho, mas tão pouquinho... mas eu me senti, e acreditei que podia, e passei a tentar, sozinha. Ai o lado enfermeira pensava: “Se mexeu o dedo do pé, o impulso está passando por toda a perna”... Ah, era só a conclusão que eu precisava chegar para tentar e tentar, enloquecidamente.

Muitas visitas tive: amigos, pacientes, colegas, gente que eu não via há muito tempo, gente que eu nem me lembro. Mas eu queria muito duas pessoas perto de mim: meu marido e meu filho e isto passou a ser minha luz e minha esperança, todos os dias.

Aí, pedi um rádio, queria ouvir, queria saber, queria companhia. Cada dia movia o lado plégico um pouco mais. Meu esforço valia a pena a olhos vistos. Mas eu me sentia tão sozinha, ninguém sentava um pouco para conversar, ninguém perguntava se eu queria me virar fora do horário previsto, ninguém sentava perto de mim, ninguém... Mas tinha uma enfermeira... o nome dela não me lembro, mas era alguém especial. Ela trabalhava à noite e me virava, e conversava comigo, e deixava minha família me ver. Sim, pois eu pedia, eu os queria por perto. Eu me sentia tão sozinha... o dia custava a passar... tudo era tão triste. E ela me estimulava, me empurrava para frente. Como eu gostava dos seus dias de plantão.

Duas ocasiões do dia eram importantes: os 30 minutos da visita e o horário da fisioterapia. Numa eu tinha perto de mim, meu marido, minha família, meus amigos. Só um pouquinho, um instantinho que passava muito depressa e que custava a acontecer novamente, e no outro, eu lutava, me esforçava, suave, tremia para tentar ser eu, mãe, esposa e enfermeira novamente. Até que um dia, após longo tempo de UTI, fui para o quarto. Tudo mudou... eu tinha todos perto de mim, mas tive tanto medo... Medo de cair, medo de não conseguir me expressar, medo de deixar a UTI, e sobretudo, medo de enfrentar o futuro. Sim porque naquelas alturas já se falava em mudar de profissão, novo vestibular e outras coisas. A equipe médica falava

em recuperação total, mas eu não me convenci... Achei que valia a pena tentar... tentar sozinha. Pensei, repensei: "terei dificuldades, lutas"; tentei recordar meus conhecimentos sobre autocuidado e rapidamente decidi que valia a pena tentar sob todas as intempéries que viriam, pois eu sabia que aquela equipe de enfermagem não tinha autonomia para algumas decisões, principalmente aquelas relativas a alterar horários, modificar rotinas e centrar o cuidado.

E eu de repente me dei conta, de que se eu quisesse chegar lá, precisaria "começar de novo": gatinhar, andar com apoio, comer, escrever. E lá fui eu rumo a nova e desconhecida vida... rabiscos, exercícios, gatinhar, cair, levantar, escrever, tentar ler... Que maravilha, que emoção o dia em que, da janela do quarto, consegui ler um letreiro na rua. Todos choravam, eu chorava, eu ria. Eu estava vendo. E sabem como eu fui à janela? Num aparelho especial, uma prancha de madeira que me pôs de pé, toda amarrada. Tive medo de cair, fiquei tonta, mas quando consegui ler, vi que nada me impediria de conseguir. Eu precisava, tinha meu filho, meu marido e minha profissão que eu amava, me puxando para frente e para cima. E com algumas deficiências, principalmente na motricidade fina. E me esforcei, e chorei... e lutei contra os grandes desconfortos: retenção urinária, vesical, constipação, dor... implorei por uma sondagem de alívio, implorei por um enema, implorei por uma medicação. O que ouvia: "não está na hora"... "Espera mais um pouco"... "De novo"?

Mas o tempo passou, lutei, suei, chorei, gritei, sofri e hoje... tudo parece um sonho.

Um sonho confuso, atrapalhado, mas com um saldo positivo. Minha experiência como paciente, me abriu novos horizontes quanto a minha profissão, reforçando as coisas em que eu acreditava: a prescrição de enfermagem, a avaliação do paciente, o cuidado individualizado, o ouvir, o sentar, a tomada de decisão.

E hoje eu tenho a certeza de que os pacientes neurológicos que meus alunos cuidam são tratados de modo especial: "olha o pé caldo, o quadril, o rolo na mão e nas costas, olha a posição do braço, olha a prescrição dos exercícios passivos e ativos; cuida para que a família ajude, participe, estimule o paciente, mostre-lhe seu progresso; ajude-o; incentive-o e sobretudo tenha para com ele "aquela paciência especial" pois ele não é chato, ele tem dor... muita dor.